



## **DESLOCAMENTOS URBANOS: IDENTIFICAÇÕES E IDENTIDADES NO PROCESSO DO ADOLESCER**

Leônia Teixeira/a<sup>1</sup>

O adolescer configura-se como momento de passagem entre a constituição psíquica da criança e a constituição do sujeito no laço social, sendo ressaltados processos identificatórios e identitários consoantes ao corpo, à sexualidade, aos referenciais parentais e à construção de ideais.

A adolescência constitui temática interessante e pertinente nos dias de hoje, especialmente quando investigada à luz de interlocuções entre saberes que focalizam o sujeito em constituição e o social e suas vicissitudes. Nesse sentido, a psicanálise tem muito a contribuir por acentuar os efeitos psíquicos que as transformações pubertárias e as demandas sociais infligem aos sujeitos ao final da infância. Quanto às demandas sociais, referimo-nos aos apelos de uma erotização precoce – através da dança e música, do vestuário, do vocabulário e do uso de equipamentos destinados ao mundo adulto, como celulares, MP3 e MP4, etc –, fenômeno que pode ser encarado como uma “adolescência” da criança. Também enfatizamos o virtual como forjador de outras modalidades de práticas de si, fazendo parte, particularmente pela internet e as infinitas possibilidades que instaura, na vida cotidiana dos sujeitos contemporâneos.

A adolescência é considerada um paradigma da condição subjectiva contemporânea (Alberti, 1999; Cadoret, 2003; Calligaris, 2000; Coutinho, Franken e Ramos, 2008; Fleming, 2005; Kehl, 2004; Rassial, 1996), sendo caracterizada como período de reorganizações identificatórias e identitárias no qual as mudanças do corpo e dos papéis sociais exigem um intenso trabalho de elaboração psíquica, já que, concomitante à emergência da puberdade, o contexto social reclama resoluções de ordem distinta das colocadas em cena na constelação familiar infantil.

No plano do senso comum, a adolescência aparece relacionada a um período de problemas, como: perturbações afetivas, de humor e de ansiedade; insucesso escolar; comportamentos delinquentes, ideações e atos suicidas e abuso de substâncias tóxicas. Juntamente com a infância, a adolescência configura um momento da vida que nas últimas décadas têm sido fortemente valorizadas e investidas afetivamente pelas famílias, instaurando desafios ao sujeito quanto às vivências do seu corpo, às relações com seus pares, à aproximação com as tarefas adultas, especialmente o trabalho, e com as experiências da temporalidade e da espacialidade no campo

---

<sup>1</sup> Dra. em Saúde Coletiva (IMS-UERJ), Ms. em Educação (UFC), Profa. Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. E-mail: leoniat@unifor.br



urbano que se sobressaem ao espaço da família. Sair do campo familiar como espaço de segurança e de aconchego significa, além de ampliar os vínculos e se inserir no laço social, inaugurar um espaço psíquico complexo constituído pela submissão à Lei e às leis que regem a vida coletiva (Alberti, 1999; Birroux, 1996; Coutinho e Ramos, 2008; Kehl, 2004; Lesourd, 2004).

Rassial (1997, 1999/2005) aborda o adolescente a partir do momento que considera a adolescência como uma passagem necessária, em que há a queda dos ideais infantis para a recuperação dos ideais através da idealização de outros vindos do social. Tomamos como este o conceito de adolescência que norteará a construção da presente pesquisa, considerando a adolescência não somente como uma mudança de posição no social, mas sim, como o reposicionamento subjetivo do sujeito.

As perdas relativas ao corpo e ao entorno da vida infantil – pais, brinquedos – marcam esse momento como de lutos que exigem elaboração, para que outras modalidades de relação consigo e com o outro possam ter lugar. Dentre os trabalhos de luto pelos quais o sujeito adolescente passa, ressaltamos o, muitas vezes, discreto, porém não menos difícil trabalho de luto relativo aos modos de relação do sujeito com o espaço e com o tempo.

A suspensão e a atualização das questões edípicas – que retornam para serem ressignificadas frente à genitalidade – e a fragilidade egóica-narcísica colorem de modo diferente às vivências do sujeito adolescente, estando marcadas ambas as experiências pelos modos de relação com a espacialidade e a temporalidade.

As relações do sujeito adolescente com o espaço e o tempo parecem-nos importantes, especialmente quando observamos que as atuais metrópoles interrogam-lhes acerca de seus lugares na estrutura familiar e na estrutura social, impondo-lhes normas de trânsito juntamente com normas horárias. Citamos, dentre outras ilustrações, espaços que são ofertados como seguros ao adolescente, como *shoppings*, mesmo que, como espaços públicos antes equivalentes a riscos, hoje, pela pretensa segurança que oferecem, configuram-se como “não perigosos”.

É interessante observarmos o quanto a “aceleração da História”, de acordo com Augé (1994, p. 31), é característica dos tempos atuais, implicando em vivências subjetivas do tempo diversas das comuns na modernidade. Augé (1994, p. 31) escreve que a “densidade factual das últimas décadas ameaça suprimir todo e qualquer significado”, sendo uma marca da supermodernidade. Neste universo onde a crise de sentido é a tônica dos modos de subjetivação, Augé (1994) ressalta mudanças físicas como “concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação



daquilo que chamaremos ‘não-lugares’”, que são “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens”.

Augé (1994) destaca três figuras do excesso que colorem a contemporaneidade: a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização de referências, sendo, para este estudo, importantes as duas primeiras, já que, como ressalta o autor, constituem categorias pelas quais a identidade e os jogos identificatórios se constroem.

Investigamos as relações do adolescente, de classe média de Fortaleza (Ceará-Brasil), com o espaço urbano, considerando como referenciais teóricos a sociologia e a psicanálise. Foram solicitados, por meio da roda de conversa, que os participantes – adolescentes entre os 12 e os 18 anos – falassem livremente sobre o lugar onde residem e os lugares por onde transitam, bem como aqueles que não tem acesso e que gostariam de conhecer. Também foi solicitado que descrevessem os lugares que lembram da infância, por “onde andavam, como quem iam e o que faziam”, e como é a cidade e o bairro onde moram. As conversas foram gravadas e a pesquisadora somente ia facilitando os pronunciamentos, deixando, ao máximo, que os participantes falassem livremente e, aos poucos, fossem organizando ou não as relações entre eles. As rodas de conversa foram realizadas em centros comerciais e duravam, aproximadamente, duas horas. Foram realizadas três rodas de conversa, cada qual com cerca de 10 participantes, entre meninos e meninas. A pesquisa seguiu as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa, sendo preservados o sigilo e o anonimato.

Como resultados destacamos modos de experienciar o tempo e o espaço que coincidem com traços das sociedades contemporâneas, segundo Augé (1994, 1997), Bauman (2007a, 2007b, 2008), Costa (2004), Nicolaci-da-Costa (2009): 1) a percepção e o relato da passagem do tempo marcada pela rapidez, pela não consideração do processo, mas somente do estágio inicial e final, bem como pela queixa do tempo cronológico como não passível de reter o desenrolar dos acontecimentos; 2) a percepção e o relato da vivência espacial como delimitados pela ocupação física e restritivos aos usos cotidianos nos quais as atividades ordinárias se efetuam, bem como a ênfase em espaços urbanos de passagem, nos quais os adolescentes “estão” por períodos de tempo determinados e em aglomerados anônimos compostos por grupos que se estabelecem por traços identitários que comumente são abordados como tribos (Maffesoli, 2005, 2006).

Maffesoli (2005, p. 190) escreve que

...as tribos contemporâneas comungam com seus bairros, ruas, lugares de encontro e criam assim uma socialidade específica impossível de ser compreendida com nossos clássicos e demasiadamente racionais instrumentos de análise. Há um imaginário da cidade, do espaço, que suscita imaginários tribais, nos quais o fantasma, o desejo, a nostalgia, a utopia tem a sua parte, longe de ser desprezível.



O fenômeno da tribalização do social é estudado por antropólogos e sociólogos devido às reflexões que suscita quanto aos processos identitários e identificatórios, especialmente quando são adolescentes que, em busca de referenciais simbólicos norteadores e não os encontrando no social mais amplo e na família, procuram balizas que façam contorno na construção dos ideais que, como marca do adolescer, deve transcender o entorno familiar.

Interessante observar que a lógica da construção identitária adolescente aparece marcada pela fluidez, da qual fala Bauman (2007a, 2007b), não sendo destacados aspectos relacionados às relações pessoais, especialmente íntimas, mas aos movimentos de agrupamento e à ocupação do espaço físico.

Discute-se que os modos de experiência do tempo e do espaço pelos sujeitos que estão mergulhados no processo do adolescer parecem ser vividos subliminarmente, sem deterem a atenção, já que, em suas falas, acentuam as vivências do grupo, sendo estas relacionadas a detalhes impessoais de lugares, como se os espaços não fossem subjetivamente demarcados, ou melhor, singularmente demarcados, pois que parecem capturar os adolescentes em massa tal qual Freud (1921-1976) aborda em “Psicologia das massas e análise do eu”: “eles já estavam aqui quando comecei a sentar perto. Fui me aproximando e agora fico na roda dos *emos*”.

Verificamos que os deslocamentos dos grupos de adolescentes se dão por espaços supostamente conhecidos por constituírem lugares em que pessoas do meio social deles frequentam. Tal sensação de segurança parece ser um ponto importante para as famílias e para os adolescentes, embora seja uma constante o anseio por se deslocar, mudar de lugar, conhecer outros lugares da cidade. Algumas tribos se reúnem em ambientes marcados por serem exteriores, como praças, esquinas, postos de serviço, porém esses ambientes terminam por adquirir a característica de serem fechados, mesmo sem serem intramuros, já que passam a serem usados a partir de regras próprias de mapeamento do território. Tais ambivalências entre o externo e o interno, entre o privado e o público e entre o reservado e o exposto são interessantes na lógica de construção espacial e temporal na passagem adolescente, pois indicam uma passagem entre a segurança e o aconchego da casa para a insegurança e o desconforto que o espaço público pode causar. Parece-nos que sujeitos adolescentes forjam territórios de subjetivação que os desvelam ao social, entretanto os mantém ainda sob certa previsibilidade e segurança.

Um aspecto curioso que merece atenção diz respeito ao anseio expresso de deslocamento por outros bairros, distantes do de origem da família, como uma tentativa de desbravamento do desconhecido e de conquista do inusitado. Percebemos que algumas tribos se reúnem em praças, por



exemplo, e depois passeiam de ônibus pela cidade, voltando à praça e sendo lá o lugar de referência. Um rapaz de 17 anos proferiu a seguinte frase: “chego às 15h todo sábado. Venho com meu pai. Depois de encontrar os *manos* e fazer uma *social*, vamos pegar o ônibus, qualquer ônibus com nome de bairro que não se conhece e passamos umas três horas indo e vindo. Depois o pai me pega na praça. É *irado*, é um lance só da gente”. Supomos que a preocupação e cuidado das famílias de classe média de Fortaleza favorecem o uso do espaço público de modo cauteloso, visando evitar situações de desconhecimento, muito devido à insegurança gerada pela crescente violência urbana. Estar em espaços próximos à casa sugere maior confiança, enquanto que espaços desconhecidos, não somente fisicamente, mas principalmente pelos modos de ocupação subjetiva, trazem desconforto e aumentam a sensação de risco. Risco que, muitas vezes, o sujeito em meio à passagem adolescente, tem que se confrontar, daí a subversão de normas familiares, quando, em grupo, adolescentes desenham rotas pela cidade, construindo caminhos alternativos aos designados pelas famílias para se referenciar.

O que surge, em termos gerais na pesquisa, é a não consideração das peculiaridades entre público e privado, quando, na fala de uma menina de 14 anos, o corredor das lojas de roupas equivale à sua casa: “aqui é como se fosse meu quarto, onde fico em um lugar só meu, diferente do resto da casa”.

Concluimos que a passagem adolescente é marcada pela “saída de casa” e que as relações do sujeito adolescente com o Outro e o outro é perpassada pelas experiências do tempo e do espaço, daí apreendermos o adolescer como um processo emblemático da civilização contemporânea. A complexidade dos enfrentamentos do adolescente com o espaço e o tempo é fundamental na constituição dos lutos da infância e da construção dos ideais pertinentes ao adolescer.

### *Bibliografia*

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

ALBERTI, S. O adolescente e seu pathos. *Psicologia USP*, 13 (2), 2002, 183-202.

ALBERTI, S. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

AUGÉ, M. *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: 1994.

AUGÉ, M. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Z. *Vidas Líquidas*. Rio de Janeiro: JZ, 2007a.



- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: JZ, 2007b.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: JZ, 2008.
- BIRRAUX, A. Psicopatologia do adolescente. In *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CADORET, M. *Le paradigme adolescent*. Paris: Dunot, 2003.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COUTINHO, M. da P.L. e RAMOS, M. N. Distúrbios psicoafectivos na infância e adolescência: um estudo transcultural. *Psico*, 2008, 39,1, 14-20.
- FLEMING, M. *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto, PT: Afrontamento, 2003.
- FLEMING, M. *Entre o medo e o desejo de crescer. Psicologia da Adolescência*. Porto, PT: Afrontamento, 2005.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1921)
- KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In E. Bucci & M. R. Kehl. *Videologias* São Paulo: Boitempo, 2004, 43-62.
- LESOURD, S.A. *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- RASSIAL, J.- J. *A Passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1997.
- RASSIAL, J-J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- RASSIAL, J. J. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. (Originalmente publicado em 1999).